

O ANJO DA GUARDA

Robert Muchamore

Tradução de Miguel Marques da Silva



 Porto
Editora

O que é a CHERUB?

A CHERUB é uma agência que pertence aos Serviços Secretos Britânicos. Os seus agentes têm entre 10 e 17 anos. Todos os querubins são órfãos recrutados de lares de acolhimento e treinados para trabalharem como agentes secretos. Vivem no *campus* da CHERUB, cujas instalações secretas se localizam num lugar escondido, algures numa região rural de Inglaterra.

O que fazem estes miúdos?

Muito. Ninguém imagina que uma criança possa realizar missões secretas, o que significa que podem fazer muitas coisas sem que desconfiem delas, ao contrário dos adultos.

Quem são?

Vivem cerca de 300 crianças no *campus* da CHERUB. As qualidades procuradas nos recruta da CHERUB incluem inteligência e resistência física acima da média, bem como a capacidade de trabalhar sob pressão e pensar pela própria cabeça.

Normalmente, os querubins são recrutados entre os 6 e os 12 anos de idade, ou mais novos se entrarem com um irmão

mais velho. Podem trabalhar como agentes a partir dos 10 anos, se conseguirem terminar a recruta de 100 dias.

Os nossos heróis, **Ryan Sharma** e **Fu Ning**, têm 12 anos. Ryan é considerado um agente promissor, apesar de ter sido expulso da sua primeira grande missão. Ning nasceu na China e é uma novata, quase a terminar a recruta.

O pessoal da CHERUB

Por causa da extensão do *campus*, das instalações de treino especializado e do seu papel combinado de escola interna e operação secreta, a CHERUB tem mais funcionários do que alunos, desde cozinheiros e jardineiros a professores, instrutores de treino, técnicos e especialistas de missão. A CHERUB é dirigida pela diretora **Zara Asker**.

E as *T-shirts*?

Os querubins estão divididos por postos, de acordo com a cor da *T-shirt* que usam no *campus*. As **cor de laranja** são para os visitantes. As **vermelhas** são para as crianças que vivem no *campus*, mas que são demasiado novas para serem agentes. As ***T-shirts* azuis** são para quem faz a difícil recruta de 100 dias. Quem está apto para realizar missões usa uma **cinzenta**. As **azuis-escuras** são uma recompensa por um desempenho excepcional numa missão. A ***T-shirt* preta** é o prémio mais elevado de um desempenho notável ao longo de várias missões. Quando os querubins se reformam, recebem uma ***T-shirt* branca**, igual à que é usada pelo pessoal do *campus*.

1. Bolo

12 de março de 2012

Doze miúdos começaram a recrutar em dezembro, mas, após quatro desistências, duas fraturas ósseas, um tornozelo torcido, uma infecção pulmonar e um ataque de asma, só restavam três quando o sol nasceu no centésimo e último dia de treino.

Os instrutores Kazakov e Speaks tinham passado a noite na cabina do arrastão decrépito, a jogar cartas e a beber *whisky*, enquanto o capitão do barco navegava as águas revoltas ao largo da costa oeste da Escócia.

O nascer do sol era de uma beleza agreste: céu dourado, ilhas envoltas em neblina e o pequeno barco a debater-se com o mar. Mas os três recrutas não desfrutavam de nada disto, porque tinham passado a noite no convés, fustigados pelas ondas e com temperaturas quase negativas.

O mais parecido com um abrigo que o trio tinha era um monte de equipamento de pesca. Os três recrutas estavam aninhados uns contra os outros por baixo de boias e cordas, com braços e pernas enrolados nas redes viscosas, para impedir que as ondas maiores os arrastassem pelo convés.

Leon Sharma, de 10 anos, ocupava o lugar mais quente no meio, encostado ao seu irmão gémeo, Daniel, e com a cara apoiada nas costas largas de Fu Ning, de 12 anos. Leon tinha um olho

aberto e a luz da madrugada era suficiente para o querubim ver as borbulhas vermelhas das mordidelas de mosquito no pescoço de Ning e a sua *T-shirt* azul-clara manchada de erva, sangue e terra vermelha da Austrália.

Antes da recruta, Leon não teria sido capaz de dormir num convés de madeira com a água fria do Atlântico a escorrer de um lado para o outro, mas os instrutores mantinham os recrutas num estado próximo da exaustão e o seu corpo tinha-se condicionado para dormir sempre que pudesse.

Contudo, a dor tinha-o acordado antes dos outros. No dia anterior, tinha pousado mal o pé e caído para cima de um arbusto durante uma marcha rápida. Um espinho tinha-se cravado por baixo da unha do polegar, rachando-a a meio e deixando o polegar da mão direita sangrento e a latejar.

Era o mais recente e mais doloroso de uma vintena de cortes, crostas e bolhas no corpo de Leon, mas o maior tormento era o estômago a roncar. Por causa da queda, não tinha terminado a marcha a tempo e, como castigo, o instrutor Speaks tinha atirado o seu jantar para a fogueira.

No entanto, tinha comida tentadoramente ao seu alcance. Os recrutas não podiam trazer comida, mas Leon sabia que Ning tinha bolos escondidos na sua mochila. Tinha-a visto a roubá-los do carrinho da assistente de bordo no voo de regresso da Austrália alguns dias antes.

Ning tinha as alças da mochila enroladas nos tornozelos para impedir que o mar a levasse. Quando uma onda pequena varreu o convés e veio lamber o monte de cordas, Leon estendeu a mão para o fecho da mochila de Ning.

Era um gesto arriscado. Ning era dois anos mais velha e campeã de boxe. Se Leon a irritasse, ela era bem capaz de lhe dar uma coça. Apesar do barulho da hélice do arrastão e dos sons do vento e do mar, era como se o clique de cada dente do fecho da mochila soasse alto como um tiro de pistola.

Quando tinha aberto o suficiente para enfiar a mão, palpou às cegas o interior da mochila de Ning. Passou por uma camada de roupa interior, lavada à mão, mas arrumada antes de secar completamente. Grãos de areia colaram-se-lhe ao braço quando procurou mais fundo, tocando no cabo macio da faca de mato de Ning. Mesmo no fundo, encontrou embalagens de plástico com duas bolachas cada.

Quando estava a tirar bolachas, a sua mão tocou num pacote maior. Era retangular, com bolos num tabuleiro de plástico, moles ao toque. *Tinham* de ser bolinhos de laranja e chocolate.

Leon sentiu a boca encher-se de saliva ao antecipar o sabor a laranja e o chocolate a derreter sobre a língua. Outra onda pequena varreu o convés enquanto ele tirava o pacote e abria o plástico com os dentes. Leon não comia há 18 horas e conteve um gemido satisfeito quando enfiou um bolo inteiro na boca.

Tão bom!

Praticamente aspirou o segundo, mas, quando ia pôr o terceiro bolo na boca, uma mão tocou-lhe no ombro e fê-lo saltar de susto.

– Ias comê-los todos sozinho? – segredou Daniel, o gémeo de Leon.

– Tu jantaste ontem à noite – sussurrou Leon, virando-se para o irmão. – Estou a *morrer* de fome.

– Vou dizer à Ning – ameaçou Daniel, apontando um dedo esticado às costas da querubim. – Ela parte-te em dois.

Leon sabia que o irmão não o ia denunciar, mas lembrou-se de como eram unidos. Depois de partir o bolo ao meio, deu a metade maior a Daniel.

Daniel soltava um *mmm* silencioso e satisfeito quando a porta da cabina na popa do arrastão deslizou ruidosamente.

– Limpa a boca – disse Leon, nervoso, mastigando depressa e limpando as migalhas da camisola. – Se nos vê a comer, estamos lixados.

Enquanto Leon fechava a mochila de Ning e engolia as provas do crime, o instrutor Speaks subiu para o convés a baioçar. Speaks exibia uma imagem de homem duro, com os seus óculos escuros, cabelo rapado na cabeça negra e botas de combate reluzentes, tamanho 50.

– Dormiram bem, animais? – bradou Speaks, sorrindo de orelha a orelha quando acordou Ning com um toque nas costelas. – De pé. Em sentido, imediatamente.

Ning abriu os olhos sonolentos e desembaraçou-se do equipamento de pesca, com os ombros a arder onde a mochila os tinha esfolado na marcha do dia anterior. Quando Speaks se aproximou, Ning estava à espera de levar um safanão por estar a demorar tanto, mas o braço do instrutor foi um pouco mais longe e apanhou a embalagem dos bolos no meio do monte de corda.

Speaks inspecionou de perto a embalagem, com a boca aberta numa expressão de horror fingido. Ning percebeu que um dos gémeos devia ter tirado os bolos da sua mochila e deitou-lhes um olhar furioso.

– Ora bem! – disse Speaks, enquanto os três recrutas tentavam ficar em sentido no convés em movimento. – Uma violação *grave* das regras. Instrutor Kazakov, venha ver isto.

Kazakov tinha cinquenta e poucos anos, mas o instrutor ucraniano de cabelo grisalho parecia estar em tão boa forma agora como quando tinha lutado nas forças especiais russas no Afeganistão, 30 anos antes. Já vinha a caminho quando Speaks o chamou e saiu para o convés segurando um saco de rede com coletes salva-vidas fluorescentes.

– Quem comeu estes bolos? – gritou Speaks. – Confessem agora e o castigo vai ser leve.

Ning estava nervosa. Se os instrutores fizessem uma busca e revistassem a sua mochila, iam encontrar o resto dos bolos que tinha roubado no avião.

– É só lixo, instrutor Speaks – disse Leon. – Provavelmente, foi soprado para bordo quando o barco estava no cais.

Mas a mentira era fraca e Speaks reparou logo nos pedaços de chocolate na gengiva de Leon. O instrutor enorme apertou a cara de Leon entre o polegar e o indicador e puxou o querubim para a frente.

– Se há coisa que não suporto é mentirosos – rugiu Speaks, abanando Leon antes de lhe apertar com força o polegar magoado. – Ainda estás a choramingar por causa desse arranhãozinho?

Leon fez uma careta de dor quando a crosta sobre a unha rachada partiu e o sangue começou a escorrer-lhe pela mão.

– Como te atreves a mentir-me? – rosou Speaks. – Lá porque é o último dia da recruta, não penses que te vou facilitar a vida. Traz cá a tua mochila. Vamos ver se tens mais contrabando.

De lágrimas nos olhos e sangue a pingar no convés, Leon recuou até ao monte de cordas e pegou na mochila.

Enquanto os instrutores se concentravam em Leon, Ning bocejou e olhou à sua volta. O arrastão estava parado num ancoradouro natural, com penhascos quase verticais erguendo-se da neblina a poucas centenas de metros.

Kazakov apontou para terra e começou a falar, enquanto Speaks abria a mochila de Leon e despejava as coisas dele no convés molhado.

– São quase sete da manhã e a recruta termina à meia-noite – começou Kazakov. – Algures naquela ilha, vão encontrar três *T-shirts* cinzentas da CHERUB. Se encontrarem uma *T-shirt* e a vestirem, podem festejar, passaram a recruta. Chamem-nos pelo rádio e vamos buscar-vos. Mas, para quem não estiver a usar uma *T-shirt* cinzenta à meia-noite, vemo-nos no *campus* daqui a três semanas, quando começarem a recruta da estaca zero. Perguntas?

Daniel levantou a mão.

– As *T-shirts* estão todas juntas ou estão escondidas separadamente?

Kazakov pensou na pergunta enquanto punha a mão no saco de rede e estendia um colete salva-vidas a Ning.

– Descubram vocês – disse por fim.

Depois de vestir o colete, Ning ajoelhou-se e começou a pôr uma cobertura impermeável sobre a mochila. Entretanto, Leon recolhia o seu equipamento, a boiar de um lado para o outro no convés. Mas, quando o querubim se baixou para apanhar o cantil, o instrutor Speaks agarrou-o pelos calções e levantou-o no ar com um braço musculado.

– Seu mariquinhas papa-bolos – vociferou Speaks, abanando Leon a centímetros da sua cara. – Não te posso ver à minha frente, podes ir sem equipamento.

Dito isto, Speaks deu dois passos largos até à popa do arrastão e atirou Leon borda fora.

– Nada bem – gritou Speaks ao atirar o colete salva-vidas atrás do recruta. – Podes precisar disto!

Kazakov fitou os outros dois recrutas quando Leon caiu na água.

– Toca a andar – ordenou. – A água não vai ficar mais quente.